



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)  
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**ESEQUIAS PEREIRA DE CASTRO NETO**

**ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES  
AFRICANOS DA UNILAB SOBRE RACISMO E XENOFOBIA EM  
REDENÇÃO E EM ACARAPE**

**REDENÇÃO - CE**

**2019**

ESEQUIAS PEREIRA DE CASTRO NETO

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES  
AFRICANOS DA UNILAB SOBRE RACISMO E XENOFOBIA EM  
REDENÇÃO E EM ACARAPE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos

REDENÇÃO – CE

2019

ESEQUIAS PEREIRA DE CASTRO NETO

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES  
AFRICANOS DA UNILAB SOBRE RACISMO E XENOFOBIA EM  
REDENÇÃO E EM ACARAPE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Bacharelado em  
Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de  
Humanidades (IH), da Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira (Unilab), como requisito final para a  
obtenção do título de Bacharel.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos (Orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. (Examinador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. (Examinador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)  
Redenção – CE

2019

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a essas seguintes pessoas que me ajudaram diretamente ou indiretamente neste trabalho, pelo apoio e carinho de todos. E pela memória do meu avô.

Danuze Castro

Simão Soares

Maria De Fátima

Ana Carolina

Francisco Thiago Rocha Vasconcelos

Raimundo Avelino

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais dos estudantes africanos da UNILAB sobre situações de conflitos e violência ligados à racismo e xenofobia em Redenção e em Acarape. Faz-se necessário analisar e compreender as experiências de violência, pois estas implicam riscos à integração dessa comunidade universitária e para a consolidação do projeto da UNILAB. O intuito da pesquisa será cumprido através de três eixos: 1) aplicação de questionários em salas de aula e realização de entrevistas semiestruturadas; 2) levantamento de casos que repercutiram interna e externamente à UNILAB, com análise das controvérsias interpretativas e políticas na discussão e encaminhamento de denúncias; 3) análise dos trâmites existentes na UNILAB para registro, acompanhamento e resposta institucional aos casos da aplicação de questionários em salas de aula.

**Palavras-chave:** estudantes africanos; UNILAB; violência; representações sociais.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. OBJETOS DA PESQUISA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1. OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>14</b>
<b>3. HIPÓTESES.....</b>	<b>15</b>
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
<b>4.1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2. CONFLITOS E VIOLÊNCIAS: DELIMITAÇÃO DOS CONCEITOS.....</b>	<b>18</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES.....</b>	<b>23</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

Este projeto tem como objeto as representações sociais de estudantes africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) sobre suas experiências no Ceará, mais especificamente as representatividades relacionadas às violências associadas à racismo e xenofobia que vivenciaram ou presenciaram. No cotidiano dos estudantes há vários casos de violência em que os estrangeiros estão envolvidos. O que essas pessoas pensam sobre esses conflitos? De que forma os discentes estrangeiros e as instituições responsáveis por eles reagem no presente cenário de violência dentro e nos arredores da UNILAB? Que mobilizações foram realizadas? Quais discursos são elaborados? Como esses casos estão sendo resolvidos?

Criada em 2010, a UNILAB tem como principal objetivo, segundo suas diretrizes gerais: “promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária” (UNILAB, 2010, p. 10). A partir do momento em que se cria uma universidade que está no interior de um estado e com uma proposta de ser internacional é preciso entender quais os impactos sociais, culturais, econômicos e políticos entre países, na região e no interior da comunidade universitária. Faz-se necessário analisar e compreender as experiências de violência, pois estas implicam riscos à integração dessa comunidade universitária e para a consolidação do projeto da UNILAB.

Provoca-me um incômodo presenciar casos de violência (ataques físicos ou verbais), tanto fora quanto dentro da UNILAB, relacionados aos alunos estrangeiros. Vejo que nos aproximamos daqueles que são diferentes da nossa realidade e que tem outros saberes, não melhores ou piores, mas diferentes, pode resultar em algo que será bom para ambos. Contudo, se o principal objetivo desta Universidade, que já foi destacado aqui, é a união e convívio dos países que falam a língua portuguesa, como ela realizará a integração, se a convivência resultar em conflitos expressos de forma violenta?

A comunidade acadêmica da Unilab sofre com isso. Vejo que é necessário se fazer um estudo nesse campo para melhorar as políticas públicas em relação a esses sujeitos. Nesse sentido, esta pesquisa servirá para mapear os casos de violência sofridas por estudantes estrangeiros, através da análise das representações desses estrangeiros sobre este incômodo que

perpassa a todos. Ao tentar evidenciar os casos, a pesquisa buscará subsidiar medidas que possam aperfeiçoar a garantia de direitos dos estudantes envolvidos em situações de violência.

Já presenciei um caso de racismo fora da faculdade em que o estrangeiro negro foi agredido por um morador de Acarape sem nenhuma justificativa, esse caso aconteceu no estádio do município de Acarape e ver aquelas agressões que foram cometidas sem muito impacto aos olhos da população me fez pensar em quantas outras agressões não foram vistas ou divulgadas e isso causa uma grande sensação de impunidade. Diante disso, resolvi fazer um estudo dos casos envolvendo essas pessoas para uma melhor consideração pública dos direitos destes estudantes e uma punição justa para os agressores.

A vivência dessas pessoas é influenciada em grande parte pelo o caráter excludente da dinâmica social e urbana das duas cidades. Nesse sentido, cabe destacar aqui as duas cidades, Redenção e Acarape, onde estão inseridas o campus Liberdade e as unidades acadêmicas Auroras e Palmares. A chegada de pessoas de todas regiões e também de diferentes nacionalidades nessas cidades teve um certo impacto tanto positivo, quanto negativo. Em relação aos aspectos positivos, por exemplo, tem-se a implantação de novos recursos estruturais para cidade e o incremento da renda, pois a UNILAB injeta recursos federais no município, alguns dos estrangeiros recebem ajuda de seus pais, ocasionando o “aquecimento” do comércio nas cidades. O negativo, por exemplo, o excesso de pessoas em uma cidade que tem poucos imóveis causando especulação, como também uma maior demanda por serviços públicos e o aumento de conflitos sociais.

O ponto central desta pesquisa é traçar uma perspectiva de análise do mundo de representações sociais dos alunos estrangeiros sobre situações de conflitos e violência na UNILAB e nas cidades de Redenção e Acarape.

Essas duas cidades têm suas histórias e problemas que antes da UNILAB já existiam e com a chegada da instituição houve um aumento nas atenções das pessoas sobre esses dois locais, já que os acontecimentos nessas duas cidades têm um impacto sobre esta entidade de nível superior. Diante disso, voltando o olhar para as instituições com a ajuda do trabalho de Julimar Trajano Lopes percebe-se as defasagens que nos dois municípios têm em relação a segurança pública ao analisar institucionalmente essas duas cidades. Conforme em sua monografia ele analisa que:

Por conseguinte, mesmo quando numdos municípios se verificou políticas municipais em segurança, elas se alargavam bastante das recomendações em literatura nacional e internacional que examinou as boas práticas municipais em segurança públicas. Este exemplo é sugestivo de um baixo nível de capacitação técnicas em processos de formulação de políticas. (LOPES, 2018, p. 97)

Os apontamentos feitos por ele em relação à dificuldade da mudança nas ações de segurança públicas causadas por falta de articulações políticas e falta de instrução técnica em administração pública dificultam a resposta dada por essas entidades estatais. Assim, o enrijecimento burocrático e a má gestão pública na segurança acarretam na persistência da criminalidade e a sensação de insegurança.

Sobre a dinâmica urbana de Redenção e sua relação com os alunos africanos, Maciel (2016) discute a transformação que a cidade passou com a chegada da universidade e a visibilidade dos alunos que estão chegando. A comparação entre o velho e o novo, o moderno e o antigo, o de última geração e o obsoleto é inevitável. O imaginário da população muda e cada grupo vai se posicionar e se apropriar do espaço à sua maneira:

Devido ao porte pequeno da cidade, o Campus da Liberdade se torna o principal “pedaço” africano. Em conversas informais com os estudantes, ouvi, por diversas vezes, que a Liberdade é o espaço preferido. As razões apontadas são muitas: é lá onde as várias nacionalidades se encontram, o que possibilita uma reconstrução e invenção de uma africanidade. Eles relatam que não sentem a necessidade de formular esse tipo de imagem em seus países de origem, o que só surge após a chegada ao Brasil, constituindo uma forma de apresentar-se perante o outro; (MACIEL, 2016, p. 196)

Esse campus se tornou para esse público um refúgio que protege e ao mesmo tempo isola os alunos estrangeiros. Entre o nativo e o estrangeiro cria-se uma tensão. Porém, ao tentar habitar outros espaços os discentes encontram uma dificuldade diante da comunidade nativa. Por exemplo, um simples evento feito para expressar sua cultura já vista de maneira diferente:

Ao menos uma vez por mês na praça do Obelisco, realiza-se o “quizomba em redenção”, dança típica de Angola que possibilita aos casais dançarem colado, o que gera olhares até certo ponto incriminadores dos nativos, carregados de julgamentos moral, já que a dança é rica em sensualidade. Essas “táticas” não são silenciosas, já que ocorrem em local aberto e ao som das músicas africanas, se combinam com outras atividades e eventos menos perceptíveis aos julgamentos dos *redencionistas* (MACIEL, 2016, p. 198).

Aqui Maciel diz que o nativo julga o que lhe é estranho, aquilo que foi considerado anormal pelos habitantes do local é desqualificado e/ou ruim. Ao ver o outro habitando em um local de destaque na “sua cidade” os redencionistas vão perceber a diferença que existe entre eles de modo negativo. Dessa forma nasce o “estrangeiro”.

Simmel vai explicar melhor essa noção de ser estrangeiro; sua perspectiva:

Sua posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidade que não se originariam nem poderiam se originar no próprio grupo.

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado da maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante, e condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação. (SIMMEL, 1858-1919, p. 193).

Deve ser destacado que as fronteiras geográficas são invenções humanas, que procuram delimitar o espaço de um território, como também dar uma identidade a aqueles inseridos dentro dele. Há uma noção de pertencimento a um determinado território e essa noção por sua vez os diferencia dos “de fora”. O estrangeiro se torna condição, já que a relação que se tem é de um viajante que fica e causa um desconforto, aqui em Redenção e Acarape a interação entre esses grupos vão se dar de maneira desarmoniosa também.

Na Unilab, o termo “estrangeiro” adquiriu nos últimos anos um destaque/atributo negativo, justamente pelo termo estar localizado nessa balança entre os que chegaram primeiro e os que vieram depois, como sugere Elias (2000). Uma divisão territorial começa a se fixar, “como se fossem dois mundos” (SILVA, 2017b), produzindo percepções de diferença localmente atribuídas. (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 9).

O estrangeiro se evidencia na cidade, criando tensões com aqueles que já são nascido na cidade, ocasionando situações de xenofobia e racismo. Maciel relata também que dentro desse processo surgem agressões e conflitos que fazem com que os estrangeiros fiquem mais confinados em suas casas e nos campi da instituição:

É certo que alguns fatores têm provocado uma dinâmica difícil de ser captada pelo olhar menos atento. Em virtude do aumento do número de casos de violência, como furtos e assaltos a mão armada, os estudantes africanos têm reduzido suas sociabilidades nos horários que consideram mais perigosos, como o período noturno, tornando-se menos visíveis. São comuns relatos de estudantes que sofreram algum tipo de violência e tiveram seus pertences levados, como celulares, *lap tops*, carteiras, relógios e outros bens. Além disso, denúncias de racismo envolvendo *redencionistas* e estrangeiros têm sido relatadas de modo mais frequente pelos estudantes. (MACIEL, 2016, p. 196).

No livro *Confiança e Medo na Cidade*, Bauman (2005) reflete sobre o distanciamento e isolamentos das pessoas na cidade, na qual essas pessoas procuram a todo momento se proteger nas suas casas do mundo de fora. Essa sensação de distanciamento interpessoal torna o outro estranho ou como o autor fala, ‘estrangeiro’. Apesar deste sociólogo estar tratando isso

nas grandes cidades essa sensação pode-se aplicar a pequenas cidades, incluindo Redenção, com vários casos relatados dentro das duas cidades em que os *campi* estão inseridos proporcionado por sua vez sensações intermitentes de insegurança em várias escolas.

[...] devemos recordar, antes de mais nada, que as cidades, nas quais vivem atualmente mais da metade do gênero humano, são de certa maneira os depósitos onde se descarregam os problemas criados e não resolvidos no espaço global. São depósitos sob muitos aspectos. (BAUMAN, 2005, p. 38)

Partindo desse ponto de vista, podemos falar também que agora quem vem de fora do núcleo territorial se torna mais distante ainda e isso faz com que sejam “duplamente estrangeiro”, portanto, desconhecido e de fora. Isso provoca um desafio maior ainda, por sua vez torna esse público altamente vulnerável.

Em meio a esse cenário há também a onda de crimes violentos no estado, ocasionando aumento de roubos e de insegurança. As cidades de Redenção e Acarape não se distinguem das demais e são atingidas diretamente, chegando ao ponto de haver paralisação das aulas, como foi publicado no site uma nota de recesso no dia 7 de janeiro deste ano:

Após nova avaliação do cenário local e com base na coleta de informações externas à universidade, a Reitoria da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) informa que permanecem suspensas as atividades acadêmicas, bem como o recesso administrativo, nos campi do Ceará, nesta terça-feira (8). As refeições (almoço e jantar) continuarão sendo servidas apenas no Restaurante Universitário (RU) do Campus da Liberdade, em Redenção/CE, nos horários normais. Não haverá serviço de intercâmp. A decisão deriva do contexto de insegurança pública vivenciado em Fortaleza e em vários municípios do Ceará, e a consequente dificuldade de transporte para o deslocamento da comunidade acadêmica. A Reitoria segue acompanhando a questão e dará novos encaminhamentos mediante mudança de contexto. (UNILAB, 2019).

Há todo um histórico de casos de violência desde a fundação desta universidade. O trabalho desenvolvido por Abrantes et al (2017) é uma importante referência, pois procurou narrar casos que aconteceram na UNILAB e seu entorno:

Procuramos reconstituir cronologicamente alguns dos episódios que eram mais presentes nas narrativas do público entrevistado e que afetaram estudantes e docentes, muito embora não represente a totalidade das ocorrências. Encontramos experiências diversas, como assaltos a residências de estudantes e professores, assaltos aos transportes públicos (prefeituras, *intercampi* da Unilab) e privados (carros de docentes), assaltos nas ruas das cidades, agressões físicas a estudantes estrangeiros e finalmente tentativa de homicídio (no caso, feminicídio, pela vítima ser mulher) de uma aluna. (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 7)

No que se refere a realidade nos *campi* de Redenção/liberdade e Acarape/palmares há um longo histórico de casos de violência que diretamente ou indiretamente interfere na vivência dos alunos dentro da universidade da lusofonia afro-brasileira, onde muitos das pessoas que compõem a comunidade acadêmica já presenciou ou passou por esses acontecimentos.

Em 2017 entre os meses de abril e maio “Rumores em Redenção - CE sobre possíveis ameaças que as facções de crimes organizados se dirigiram à Unilab (utilização do transporte *intercampi* para práticas de violência, como assaltos aos estudantes nos ônibus e nos *campi*).” (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 23). Neste ano houve acréscimo na onda violência em todo o Brasil devido à crise penitenciária entre facções que dominam todo sistema de prisões e isso afetou dentro e fora das prisões.

Nesse mesmo ano aconteceu um atentado de feminicídio em horário de aula no período noturno no qual toda comunidade acadêmica presenciou ou escutou esse acontecimento, onde se instalou um estado de pânico geral dentro do campus do Palmares;

Tentativa de feminicídio dentro da Unilab, Campus dos Palmares. Durante as aulas noturnas, no período do intervalo, um aluno brasileiro matriculado no curso de Letras entrou na sala de aula e atirou em uma aluna brasileira também do curso de Letras, sua ex-namorada. O episódio considerado genericamente “crime passionnal” foi logo tratado como uma tentativa de feminicídio, considerando-se uma ação de violência contra a mulher ligada ao modo como as relações de gênero se constroem em nossa sociedade (local e nacional). (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 23).

Como também fora da UNILAB são relatados casos de alunos estrangeiros que sofrem agressões banais, sem motivo algum. Talvez seja racismo, xenofobia ou outra coisa:

Agressão física de aluno da sociologia em uma parada de ônibus em Redenção. Depois de encontros pós-aulas noturnas em Abolição (centro residencial e comercial de Redenção), um estudante guineense ao voltar a pé para casa foi atingido por um foguete lançado por um moto-taxista. Ele ficou gravemente ferido nos pés, levado para o hospital pelos amigos e rapidamente encaminhado para o Instituto José Frota (IJF) em Fortaleza já que não havia médicos no hospital de Redenção e o estudante perdia muito sangue. O atendimento no IJF foi rápido, de primeiros socorros, e o paciente e o foi devolvido para Redenção. (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 23)

Não só dentro dos *campi* ou nas ruas das cidades, como também há casos de violência dentro de suas moradias, locais onde deveriam ser seguros e protegidos.

Assalto à casa de um estudante guineense em Acarape. O assalto aconteceu em uma porta da casa, e o estudante percebeu que a arma utilizada era falsa e a tomou do assaltante e o recriminou. O assaltante desesperado fugiu, mas ameaçou que voltaria para mata-lo. O estudante assaltado fez a denúncia no grupo de estudantes guineenses do WhatsApp, pedindo ajuda aos colegas. A polícia foi chamada em seguida e esteve no local. (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 24)

Assalto aos apartamentos de estudantes no Complexo Abolição em Redenção às 21:00. O assalto resultou em um grave acidente a uma estudante são-tomense que ao fugir de homens armados que invadiram o seu apartamento, pulou do segundo andar (cuja altura equivale a 3 andares) e teve fraturas em ambos os calcanhares e na coluna. Os responsáveis pela emergência médica falharam ao levar a estudante para o hospital de Aracoiaba que pouco pode fazer na gravidade da situação. A estudante passou mais de 10 horas em viatura do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) até ser levada para o hospital especializado em traumatologia, Instituto José Frota, em Fortaleza. (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 24)

Através de entrevistas, os autores relatam casos de violência e a relação que isso tem com a política interna e externa à UNILAB. No texto os autores procuram saber até que ponto pode-se refletir sobre o posicionamento dentro da universidade diante dos acontecimentos de violência; é analisado como a política é feita para impactar a comunidade acadêmica. Segundo o texto, o que acontece é que essas discussões esbarram em vários problemas, entre eles o de jurisdição no qual a quem compete os casos de violência ocorrido dentro e fora da universidade, a polícia da região diz que não pode interferir já que a instituição é federal.

A polícia local (municipal e militar) ainda sugere que a Constituição Federal define que a responsabilidade da Unilab é do Governo Federal, portanto, o patrulhamento e investigações devem ser conduzidas por esse órgão do governo federal. O argumento se coloca a partir da presença de várias nacionalidades em que uma ocorrência policial precisa também ser conhecida pelos órgãos federais que fazem o diálogo nacional com outros países. (ABRANTES, ALVES, *et al.*, 2017, p. 13).

Esse enrijecimento com relação às jurisdições públicas causa um transtorno para a comunidade local e acadêmica, acarretando na demora para resolver os casos e até mesmo a sua não resolução. Esta tarefa não é responsabilidade apenas da instituição universitária, mas dos poderes públicos locais, mas é preciso indicar também como a Unilab tem se mobilizado.

Diante de tudo que já aconteceu e está acontecendo a representação de “lugar seguro” vai se modificando e o espaço da integração se torna inseguro, levando em consideração as várias nacionalidades as representações desses acontecimentos vão mudar de pessoa para pessoa. Ao se aproximar de alguém na UNILAB e perguntar se ela já presenciou algum caso de violência essa pessoa na maioria das vezes vai dizer que sim: todos têm alguma história para contar, independente de quem seja. Os episódios de violência em Redenção e Acarape me faz querer saber melhor sobre esse objeto/campo de estudo ainda em desenvolvimento. Quero saber que casos acontecem com eles, se recebem outro tratamento e como se mobilizam. Ao notar que pessoas de outros territórios têm saberes diferentes e uma forma de pensar diferente, isso me faz querer saber como essas pessoas presenciam esses acontecimentos.

## **2. OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **2.1. Objetivo Geral**

Analisar as representações sociais dos estudantes africanos sobre situações de conflito e violência na UNILAB em Redenção e Acarape.

### **2.2. Objetivos específicos**

- Aplicar questionários em salas de aulas da UNILAB sobre os casos de violências envolvendo estudantes africanos;
- Construir classificação qualitativa e quantitativa dos casos;
- Analisar as controvérsias interpretativas e políticas na discussão e/ou encaminhamento de denúncias;
- Procurar casos de xenofobia e racismo envolvendo esses docentes;
- Observar a regularidade no comportamento e entender à posição atual de deslocamento dos alunos estrangeiros;
- Procurar entender as representações sociais em relação a conflitos e violência desses discentes oriundos de outras nacionalidades não brasileiras;
- Destacar qual evento de conflito/violência acontece com esses sujeitos;

### 3. HIPÓTESES

Parte-se da hipótese de que há grande número de agressões, de racismo, de xenofobia e de assédio em relação as mulheres e outros tipos de violência para com esses indivíduos, porém pouca resposta ou nenhuma resposta da justiça. Esses casos de conflitos e violência tem um grande impacto sobre a vida dos estudantes estrangeiro, já que este aluno pode mudar sua visão sobre a cidade e se adapta partir dessa causa. Há uma dinâmica criada na cidade a partir da violência, suas rotinas mudam diante dos casos de conflitos que enfrentam e passam a entender Redenção, Acarape e a UNILAB de forma diferente.

Como consequência, a falta de articulação entre poderes públicos locais e a Unilab pode repercutir nas representações dos estudantes africanos no sentido de originar uma sensação de insegurança e de “deslocamento social” /exclusão, desestimulando os estudantes, criando antagonismos e “rotulações”, e prejudicando a proposta de integração social e cultural existente no projeto da Universidade. Essa rotulação é um forte fator que causa conflitos, já que esse julgamento provoca preconceitos e também xenofobia. Há muitos casos de conflitos e violência nas cidades de Redenção e Acarape envolvendo alunos africanos por apenas se tratar de pessoas “diferentes” daqueles da região, os chamados estrangeiros. Há uma noção e sentimento de superioridade dos que são considerados nativos e essa sensação por muitas vezes vai gerar mais preconceitos para os que não são considerados oriundo da região.

## 4. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 4.1. Representações sociais

As representações sociais são interação entre o indivíduo e grupo que geram sentido em suas vidas ajudando-os a reagir nas múltiplas interações do cotidiano. Com base em Durkheim e Moscovici<sup>1</sup>, “as representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos[...]” (SÊGA, 2000, p. 128). Assim como o calor é energia térmica em transição, as representações sociais são essa interação entre sujeito e grupo, “ela apresenta o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas” (SÊGA, 2000, p. 129):

Para Sergio Moscovici, não só as nossas imagens do mundo social são um reflexo dos eventos do mundo social, mas os próprios eventos do mundo social podem ser reflexos e produtos de nossas imagens do mundo. As representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. As pessoas tornam-se receptivas a manifestações que anteriormente lhes haviam escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações. (SÊGA, 2000, p. 132)

Marisete Hoffmann analisando o pensamento de Denise Jodelet nos ajuda a entender melhor essa reutilização e reformulação do conceito de representação social que vai da ação de se relacionar, para a partir disto conceber informações/definições:

A autora reconhece a importância de Durkheim, primeiro a identificar as representações como fundamentais no estudo do pensamento coletivo, mas defende a reelaboração feita por Moscovici, que destaca a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, caracterizados por: intensidade e fluidez das trocas e comunicações, desenvolvimento da ciência, pluralidade e mobilidade social. As representações sociais são, aqui, uma forma de conhecimento socialmente partilhado e elaborado [...] O diálogo estabelecido entre a “velha” teoria

---

<sup>1</sup> Em sua obra Emile Durkheim define representação social como algo que o grupo interfere sobre a pessoa, entretanto Moscovici vai perceber esse conceito diferente, ele percebe que a vontade do sujeito tem impacto sobre a coletividade e a coletividade sobre o sujeito, assim ambos se relacionam e complementam.

sociológica e a “nova” teoria da psicologia social enriquece as possibilidades de desvendar empiricamente a realidade do grupo social. Realidade dinâmica, marcada por continuidades e rupturas, que estabelece uma relação de reciprocidade com a coletividade e que tem nas representações um instrumento capaz de analisá-la. (HOFFMANN, 2004, p. 101 e 103)

Os indivíduos vão sempre se comportar por ações que os identificam a uma determinada posição na sociedade, sendo essas ações indissociáveis das representações sociais, como recurso interpretativo que dá sentido às interações entre indivíduos e grupos:

O sistema de interpretar tem uma função de mediação entre o indivíduo e o seu meio e entre os membros de um mesmo grupo. Capaz de resolver e exprimir problemas comuns, torna-se códigos, linguagem comum, servindo para classificar os indivíduos e eventos, construir e posicionados. A representação social se torna um instrumento referencial que permite a comunicação em uma mesma linguagem. (SÊGA, 2000)

Há um aspecto a ser ressaltado na representação social que é o conceito de *ancoragem* a qual seria a forma pressuposta de agir e reagir a um determinado acontecimento. Essa ancoragem são ações que os estrangeiros fazem que os representam, como também faz com que os diferenciam-se na multidão, diante da sociedade há indiretamente uma demarcação na forma de se comportar que os rotula e conseqüentemente causa uma forma de indução nos seus comportamentos que os “obrigam” a agir e reagir. Portanto, ancoragem é classificar o desconhecido com base em rótulos já preconcebidos para posteriormente representar a realidade, por assim transformando o que não se conhece em algo normal. (HOFFMANN, 2004, p. 100)

A ação do indivíduo é influenciada pela consciência coletiva, que por sua vez pode ser entendida através das pressões sociais de grupos menores. O mundo social intervém de várias formas e isso vai além da racionalidade:

O homem é muito mais uma criatura racionalizante do que racional. Suas mudanças de atitude e cognição reflete seu esforço em alinha-las em relação a seus comportamentos e seus motivos subjetivos, e não o contrário. Toda vez que surge um conflito entre uma opinião e ação, o homem não confia apenas na razão para resolvê-lo. Ele racionaliza para reduzir a tensão entre as duas, e, se o conflito é de origem externa, a tensão é menor. (SÊGA, 2000, p. 131)

Mesmo sendo de nacionalidades diferentes, o estrangeiro, como mencionado já aqui, se torna uma condição ou o seu status social diante da realidade que vive, a pressão de outros grupos faz com que o “caráter” do indivíduo se molde. Essa representação social passa a ser sua característica que os diferencia dos demais.

Neste contexto, ao usar o conceito de representação social com os alunos estrangeiros da Unilab, pretende-se analisar regularidades no comportamento, entender e dar sentido à sua posição atual de deslocamento, de não pertencimento e com essas representações sociais delimitam os espaços das diferentes experiências deste grupo. De modo mais específico, da mesma forma que nas outras esferas de interação do cotidiano, há também representações sobre conflitos e violências que por sua vez tem seu significado para os discentes estrangeiros e a partir disso a interação e a maneira que pensam podem sofrer impactos.

#### **4.2. Conflitos e violências: delimitando conceitos**

##### *O conceito polissêmico de violência*

Como delimitar um conceito que é tão abrangente e que se tornou recorrente na realidade? Quando se fala em violência abre-se todo um leque de tipos de conflitos (em toda violência há conflito, mas não em todo conflito que há violência, já que em casos umas das partes não reagem e causando assim uma passividade diante do que está acontecendo).

(...)a contar com o entendimento da palavra conceito, a *violência* tornasse algo difícil de ser definido devido ao seu grau de abstração e a sua variedade de significação. A menos que seja entendida como um *a priori* da existência humana. Mesmo assim, várias foram as tentativas de classificar a *violência* como objeto de estudo. (ROMERO, 2014, p. 78)

Antes de falar propriamente de violência se faz necessário debater de onde vem esse comportamento, já que é uma ação de um ser humano para outro. Seguindo a linha de raciocínio de Hannah Arendt a maldade vem da escolha do homem, de sua racionalidade; um leão não é mal ou um lobo quando caçam suas presas, pois ele faz isso por instinto e sua sobrevivência, já o homem não, o homem tem sua racionalidade e com isso tem o poder de escolher se quer fazer o bem ou o mal. A questão é o estado do ser humano no momento, ele não é cruel, mas pode SE tornar.

A ciência moderna, partindo de maneira não crítica dessa velha suposição, foi longe em “provar” que o homem compartilhar todos as outras propriedades com algumas espécies do reino animal- exceto o dom adicional da “razão” torna-o uma fera mais perigosa. É o uso da razão que o torna perigosamente “irracional”, pois essa razão é propriedade de um “ser originariamente instintivo” (ARENDR, 2014, p. 80)

A violência passa ser um instrumento para justificar o fim, principalmente quando o objetivo é a curto prazo e isso torna mais fácil o ato ser racional. Ao contrário do que os outros autores de sua época que pensavam que a violência seria uma extensão da política, ela pensa justamente o contrário, esse comportamento surge quando não há interação, parte-se do comportamento autoritário. Hannah Arendt diz:

A violência, sendo instrumento por natureza, é racional à medida que é eficaz em alcançar o fim que deve justificá-la. E posto que, quando agimos, nunca saberemos com certeza quais serão as consequências finais do que estamos fazendo, a violência só pode permanecer racional se almeja objetivos a curto prazo. Ela não promover causas, nem a história, nem revoluções, nem progresso, nem retrocesso; mas pode servir para dramatizar queixas e trazê-las à atenção pública. (ARENDR, 2014, p. 99)

A questão é que a concepção do homem de mundo é mutável assim como também o conceito de violência, toda evolução e/ou involução proporciona uma visão histórica do meio que se vive diferente que se tinha antes, bem como a interação entre indivíduos

Sob todos os aspectos, não há como enquadrar ou definir a *violência* sob um único enfoque específico porque a violência se traduz de acordo com as circunstâncias históricas às quais está inserida. O homem é um ser histórico e, por isso, ele acaba sendo o reflexo ou o produto que a sociedade se propõe criar. Além do mais, considerando que não existe estática social, e que a história está em constante mutação, a violência, neste contexto, também é mutável. (ROMERO, 2014, p. 84)

Como fato social, a violência é negligenciada porque apesar de existir a consciência de sua existência, ela se transforma em algo suportável porque faz parte da lógica do sistema que a sociedade reproduz. Esta lógica é mantida pela persuasão ideológica.” (ROMERO, 2014, p. 82)

Um bom aspecto a ser trabalhado esse conceito é a privação injusta independente do que seja, se existe privação existirá também violência envolvida; já que a sensação de negação dentro das sociedades proporcionar o desconforto e que podemos atrelar isso a um caso de violência.

a *violência* pode ser detectada quando se manifesta como uma espécie de privação, pois tira, destitui, despoja de alguma coisa fundamental, a realização humana. Todas as vezes que alguém se sente privado de algo sem nenhuma justificativa ou fundamentação é possível que esteja sendo vítima da *violência*. (ROMERO, 2014, p. 84)

*Racismo e xenofobia*

O racismo está ligado a um conceito obsoleto de raça do século XIX, porém o impacto desse raciocínio ainda se faz presente nos dias de hoje. Esse preconceito está embutido em grande parte da população e por isso perceber-se como racista para posterior combater esse problema é muito difícil. Ao mesmo tempo, defini-lo conceitualmente não é uma tarefa fácil:

Usualmente, as definições para o termo costumam classificar o racismo como um tipo de fenômeno ligado a uma determinada dimensão do social (doutrinas, ideias, ideologias, atitudes, ações, práticas, sistemas, estruturas, instituições etc.), caracterizado por produzir ou se basear em uma determinada assimetria, vista como natural ou essencializada e, de algum modo, relacionada com alguma noção histórica do que vem a ser “raça”. [...] Em total acordo com Guimarães, acredito que o racismo é uma forma “bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”, e que, portanto, “cada racismo só pode ser compreendido a partir de sua própria história” (Guimarães, 1999, pp. 11-12).

Este trabalho se baseará inicialmente na revisão proposta de Luiz Augusto Campos (2017), que procura uma síntese de três perspectivas sobre o que é o racismo, ajudando a entender que cada uma faz parte de um todo:

[...] as divergências entre elas nascem de perspectivas parciais de um mesmo fenômeno e que uma visão mais completa dele depende de uma integração analítica das dimensões ideológica, prática e estrutural. Recorremos às contribuições do realismo crítico para propor uma teoria tridimensional do racismo, que o enxerga como um fenômeno complexo, ligado àquilo que Roy Bhaskar (1998b) chama de “uma realidade social ontologicamente estratificada”. [...] Dito isso, propomos aqui que o racismo deve ser compreendido como um fenômeno social constituído pelas relações ontológicas entre: discursos, ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideais (cultura); ações, atitudes, práticas ou comportamentos (agência); estruturas, sistemas ou instituições (estrutura). (CAMPOS, 2017, p. 14)

A *análise ideológica* faz do racismo um conjunto de crenças pré-estabelecidas, na forma de doutrina pseudo-científica, que se torna fundamento de representações estereotipadas em interações entre grupo “raciais” e esses padrões já pré-concebidos, automáticos e inconscientes.

Contudo, para os que entendem o racismo em seu caráter *prático*, a ligação entre doutrina e ação cotidiana não é direta nem causal:

[...] considera-se que as ações e práticas discriminatórias têm precedência quando se pretende compreender ou mensurar o racismo existente em nossas sociedades. [...] em segundo lugar, entende-se que tais atitudes são muito mais emotivas, irracionais e reativas e, por isso, nem sempre possuem uma ideologia identificável como causa. (CAMPOS, 2017, p. 6)

Por sua vez, em sua face *estrutural*, ressalta-se a estrutura desigual e de segregação racial que cria uma disparidade econômica ligada à cor de pele, apesar das tentativas de apagamento deste comportamento preconceituoso:

[...] as teorias do racismo que enfocam estruturas, sistemas e instituições enxergam tais mecanismos, não apenas como incentivos potenciais de conflitos entre grupos raciais, mas como os princípios causais que engendram o racismo em si. Isso não significa que ideologias e práticas não importem, somente que elas têm um papel subsidiário ou secundário (CAMPOS, 2017, p. 9).

O que o autor preza no texto é a ligação das três abordagens respeitando suas particularidades e também não colocando em ordem de mais importante pra menos, assim estando no mesmo patamar. Como também dizer que só existe e existirá essas três dimensões, a separação destes conceitos reduz a capacidade de entender e explicar a realidade. O que é importante notar que dependendo da realidade e contexto histórico esses três enquadramentos iram ter pesos em questão diferentes.

as três dimensões do racismo (ideológica, prática e estrutural) que permita escapar das diferentes confluências e fusões supracitadas e capacitar as investigações sociológicas a inquirir empiricamente como elas se articulam em contextos históricos e geográficos específicos. Além disso, ele viabiliza a produção de um conhecimento sociológico do fenômeno capaz de ser instrumentalizado politicamente. (CAMPOS, 2017, p. 13)

A teoria tridimensional não cria uma quarta teoria, mas sim, uma consideração de todas para um caráter realista e contextual da realidade levando em entendimento a particularidade singular de cada realidade.

## 5. METODOLOGIA

Diante do que irar ser levantado neste projeto de pesquisa na qual irei analisar as representações sociais que os alunos estrangeiros têm diante dos casos de conflitos e violência dentro da UNILAB e nas cidades de Redenção e Acarape, para chegar a tal, preciso fazer um recorte e trabalhar ligado a essas pessoas para que assim o objetivo desta pesquisa seja alcançado.

Com uma abordagem Qualitativa o presente trabalho tem como foco analisar o estrangeiro como um grupo social situado na Redenção e Acarape. De forma não-experimental, esta pesquisa pretendo observar, registrar, analisar e correlacionar fatos e variáveis.

O caminho a ser traçado começa com a elaboração de um questionário semiaberto e para um posterior ida ao campo para uma entrevista semi-estruturada. Ao escolher essas técnicas de pesquisa a preocupação é tirar o máximo de informações possíveis das testemunhas/informantes, já que essa estrutura só irá fazer o diálogo acontecer.

A pesquisa será feita inicialmente através de um questionário nessa população de alunos estrangeiros que reside nos arredores da Unilab. Ao colher esses dados quero destacar qual evento de conflito/violência acontece com esses sujeitos. Esse questionário vai conter tantas perguntas abertas como fechadas. Todavia, o material que será coletado para uma posterior análise vai ficar anexado para que todos possam ver e a identificação do informante só será mostrada no trabalho se bem quiser. A pesquisa se dará com a ida as salas de aula da UNILAB para aplicações dos questionários.

Como diz Bane e Jurema (2005): “[...] os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados”. A forma de entrevista será a semi-estruturada:

As **entrevistas semi-estruturadas** combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BANI e QUARESMA, 2005, p. 75)

Na entrevista haverá esforço para se apropriar da abordagem da história de vida para que as representações sociais sobre violência sejam melhor relatadas por ele, já que ela se for bem utilizada pode dar informações ricas sobre o assunto trabalhado.

A HV (história de vida) tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confidência. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (BANI e QUARESMA, 2005, p. 73)

A estratégia ligada a essas entrevistas é usar o sistema de redes, que trabalha tantos casos que começam se repetir padrões e esses padrões podem demonstrar algo a ser analisado. A rede de informantes vai se dar através de um assunto em comum deste trabalho. O que é trabalhado nessa estratégia é a ligação de vários casos/informantes para que um faça uma ligação ao outro através de indicações dos próprios.

Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para o esclarecimento. (DUARTE, 2002, p. 144)

Além disso, o observar também é fundamental para entender as entrelinhas na qual o entrevistado/informante estar passando e assim esse aspecto faz-se necessário nesta pesquisa.

A observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado. (BANI e QUARESMA, 2005, p. 71)

## 6. BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, C. S. et al. **um texto acadêmico para uma ação política**. UNILAB. redenção, p. 24. 2017.

ARENDT, H. **sobre a violência**. 5ª. ed. rio de janeiro : civilização brasileira , 2014.

BANI, V.; QUARESMA, J. aprender a entrevistar: como fazer uma entrevista na ciências sociais. **revista eletrônica dos pos-graduando em sociologia política da UFSC**, santa catarina, v. II, p. 68-80, janeiro-julho 2005.

BAUMAN, Z. **confiança e medo na cidade**. 1º. ed. italia : [s.n.], 2005.

CAMPOS, L. A. racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **revista brasileira de ciências sociais** , rio de janeiro, abril 2017.

DUARTE, R. **pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. universidade católica do rio de janeiro. rio de janeiro, p. 139. 2002.

GUIMARÃES, A. Sérgio. (1999), *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34

HOFFMANN, M. T. representações sociais: delimitação de uma categoria analítica. **tese**, santa catarina, v. 2 n° 1, p. p. 92-106, jan-junh 2004.

LOPES, J. T. uma análise triangulada da segurança pública em municípios cearenses, redenção, 2018.

MACIEL, W. USOS DE UMA CIDADE DA LIBERDADE: estudantes africanos em Redenção. **scielo**, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792017000100189&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792017000100189&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MARLUCIO, L. revista fiocruz. **história ciência saúde manguinhos**, 2014. Disponível em: <<http://www.revistahcs.m.coc.fiocruz.br/a-historia-da-africa-e-vista-com-preconceito/>>. Acesso em: 16 junho 2019.

ODÁLIA, N. **o que é violência**. 2ª. ed. são paulo: brasiliense , 1983.

ROMERO, N. B. sobre a violência e o ser humano. **cemoroc-feusp**, português, 14 mai-agos 2014.

SÊGA, R. A. conceito de representatividade social nas obras de denise jodelet e serge moscovici, porto alegre , julho 2000. 128-133.

SIMMEL, G. **grandes cientistas sociais**. 1ª. ed. Brasília : Ática S.A., v. I, 1858-1919.

UNILAB. **diretrizes gerais**. universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira. redenção, p. 69. 2010.

UNILAB. [unilab.edu.br](http://www.unilab.edu.br). **unilab**, 2019. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2019/01/07/unilab-suspende-atividades-e-decreta-recesso-administrativo-nos-campi-do-ceara-nesta-segunda-feira-7/>>. Acesso em: 22 janeiro 2019.